



## FLORES NO CAMINHO

A Pilar e eu temos tido ao longo de alguns anos a grata experiência de praticar e ensinar um pouco do que sabemos desta arte que infelizmente é confundida com a simples actividade de colocar flores em recipientes.

Temos tido momentos de uma grande beleza e uma profunda experiência interior difícil de transmitir, aliás é uma arte que só se transmite de coração a coração.

O texto que se segue é parte de um documento que usamos para a nossa divulgação e que gostaríamos aqui de partilhar convosco.

Ikebana – Kado - A arte de vivificar as flores. A via das Flores

*“... a história de um kuli que percorre, arquejando, um trilho da montanha e descobre entre as pedras em brasa uma florzinha sedenta em perigo de morte.*

*Apesar da sua carga, ele ajoelha-se e deita a última gota de chá sobre as tenras raízes, para que a florzinha sobreviva ao calor crescente. Depois segue despreocupado e apressado o seu caminho em direcção à meta distante. ...”*

Esta sensibilidade típica do povo japonês fez desenvolver a arte do Ikebana, ou KaDo, que tem as suas raízes na China e na Índia, onde segundo a lenda Buda terá despertado nos seus discípulos a necessidade de sentir compaixão até pelas flores, enquanto seres vivos.

No ocidente as flores são essencialmente um elemento de decoração, embora as tradições atribuam um simbolismo importante a algumas, por exemplo, às rosas, que são citadas frequentemente na tradição cristã e no esoterismo (para não falar nas outras religiões e culturas). No oriente as flores são elementos de embelezamento, mas também um instrumento de reflexão e de trabalho interior para quem as usa e as admira, sendo elementos omnipresentes.

Hoje existem mais de duas mil Escolas (leia-se estilos) de Ikebana, cada uma com as suas regras próprias. É difícil para um ocidental compreender que o simples trabalho com as flores possa motivar no aluno de Ikebana / KaDo um sensibilizar para as formas, cores e muito para além da forma e estética ritualizada da prática, um despertar para uma forma de estar na vida mais presente e clara.

O vazio, o silêncio, a postura física, a delicadeza dos actos, a respiração, e tantos outros pormenores não são hoje valorizados enquanto que a preponderância do Ego, a competição, a agressividade e a materialidade, tornaram-se padrões de referência na nossa sociedade. As nossas vidas diárias reflectem esta realidade onde o stress é quase sinónimo de status. O Ikebana não é uma religião ou uma terapia mas é com certeza uma filosofia de vida que se vai reflectir em cada um dos nossos actos.



Partilhar com as flores a experiência de viver é algo de importante. Quando nascemos a nossa mãe é presenteadada com flores. Quando nos apaixonamos oferecemos flores ao nosso ente amado e quantas vezes na poesia das emoções atribuímos a forma de uma flor aquele(a) que nos acompanha. Quando morremos elas são depositadas no nosso leito final. Lembro-me de uma frase que surgia nas camisolas dos soldados portugueses que talvez para amenizar os momentos cruéis que viviam decidiram escrever...

“Que me importa a morte se no cemitério há flores”.

As aulas de Ikebana são práticas e teóricas mas a função do professor, ou monitor, é essencialmente a de apontar caminhos para que o aluno os possa percorrer, por ele mesmo, aqui entre o Céu e a Terra, até entender que o conhecimento e a arte dos arranjos florais tradicionais japoneses é transmitida de coração a coração, não é um acto de querer ... é antes aceitar a nossa própria essência,. É Zen.

Termino com duas histórias interessantes:

*“Um dia um aluno foi ter com o Mestre e pediu-lhe para que ele lhe ensinasse o que era o Zen. O Mestre que estava a encher uma chávena de chá ficou a olhar o aluno enquanto continuava a encher a chávena. O aluno espantado disse:*

*- Mestre... a sua chávena está a transbordar!*

*E o Mestre com um sorriso respondeu-lhe:*

*- É como o teu espírito. Está cheio para conter mais. Esvazio-o primeiro!”*

*“Um dia um samurai (guerreiro japonês) foi ter com um Mestre e perguntou-lhe.*

*- Mestre, mostre-me a diferença entre o inferno e o paraíso.*

*O Mestre olhou para ele e disse.*

*- O que é este cara de macaco veio aqui fazer? Estás a importunar-me!”*

*O samurai, orgulhoso e não habituado a ser tratado daquele modo, tirou o sabre da bainha e ergue-o de forma agressiva.*

*Diz o Mestre:*

*- Eis o inferno!*

*O samurai envergonhado por ter perdido a postura, pede desculpa e embainha o sabre.*

*Diz o Mestre:*



- *Aqui começa o paraíso!*

Estas pequenas histórias, talvez para crianças, ou talvez não, são algo em que devemos reflectir, ou talvez não.

Terminava aqui com um excerto de “O livro do chá – Okakura Kakuzo”

*“Nos meus dias de juventude, elogiava o mestre de cujos quadros gostava, mas, à medida que o raciocínio ia amadurecendo, elogiava-me a mim mesmo por gostar daquilo que os mestres tinham escolhido para me agradar”.*